

A ABORDAGEM DO ERRO NA FALA E NA ESCRITA: AQUISIÇÃO, ALFABETIZAÇÃO E CLÍNICA.

Maria Francisca LIER-DEVITTO
LAEL-Derdic/PUCSP
f.lier@uol.com.br
Lourdes ANDRADE
Derdic/PUCSP
lourdesandrade@pucsp.br

Resumo: Este trabalho focaliza aspectos essenciais implicados na abordagem de erros em falas e escritas de crianças em processos - bem sucedidos ou não - de aquisição ou de alfabetização. Debate-se, a partir do desenvolvimento dessa discussão, a divisão clássica entre as áreas de Aquisição e de Patologias da Linguagem. Sustenta-se que, nessa partição/repartição de campos, a Patologia tem ficado numa posição subordinada, como se nada se tivesse a aprender face às falas sintomáticas de crianças. O Interacionismo em Aquisição de Linguagem, introduzido por De Lemos na década de 1980, é apontado como saída para a suspensão dessa divisão. Isto porque o erro é, ali, “dado de eleição” cujo tratamento permitiu desdobramentos teóricos e metodológicos para os campos da clínica e da escola. Produções de fala e de escrita são trazidas para a discussão.

Palavras-chave: erro; aquisição da linguagem; alfabetização; clínica com crianças; relação criança-linguagem

Este artigo pretende abordar caminhos e descaminhos do tratamento descritivo e explicativo dado a erros, tanto em falas/escritas sintomáticas, quanto em produções de crianças em processo de aquisição da linguagem ou de alfabetização. O que pretendemos, ao eleger esse título, foi iluminar a natureza da reflexão que se espera desenvolver, aqui, sobre a separação clássica entre as áreas de Aquisição e de Patologias da Linguagem. Mais particularmente, o objetivo deste trabalho é o levantamento de questões sobre a configuração estabelecida entre esses dois campos. Nessa partição/repartição de campos, a Patologia tem ficado numa posição subordinada, uma vez que, tradicionalmente, ela é instruída pelas conquistas teórico-descritivas da área da Aquisição da Linguagem, como se nada se tivesse a aprender face às falas sintomáticas de crianças. De fato, é marcante a *simpatia pela aplicação*, que é conseqüente ao afrouxamento do compromisso com a especificidade do erro sintomático. Questionamos, portanto, a direção de mão única que se estabeleceu entre Aquisição e Patologias da Linguagem – o que se vai explorar é a possibilidade de suspensão da divisão entre os campos, uma vez que nem a aquisição é um caminho sem tropeços, nem a patologia é desordem sem lei.

A área de Aquisição da Linguagem se estrutura a partir da idealização de que o infante se tornará falante, contudo:

[...] a generalidade suposta em “a fala da criança” encobre sua heterogeneidade e a de seus efeitos sobre o outro [...] há aquele efeito maior que institui uma diferença fundamental; um corte que separa, na generalidade imaginada em “a fala da criança”, as categorias “normal” e “patológico” [...]. Isso nos leva a admitir que “a fala da criança” pode provocar a *partição normal e patológico* - trata-se de algo diferente da

distinção “correto vs. incorreto”, “certo vs. errado”. (Lier-DeVitto & Arantes, 1998)

Importa admitir, frente à heterogeneidade de falas de crianças e à idealização acima mencionada, que, se a criança e o processo de aquisição são idealizados, a posição do investigador do campo da Aquisição de Linguagem fica definida: seu olhar fica direcionado exclusivamente para os “sucessos” do processo de aquisição, referidos à internalização de um alegado conhecimento sobre a linguagem.

Tendo em vista ser o programa da área de Aquisição assim configurado, é esclarecedor o que diz, sobre ele, Maria Teresa Lemos (2006):

a análise da fala de crianças é capaz de por em ato e sustentar por si mesma o empreendimento [da área de Aquisição da Linguagem] [...] e a pergunta pelo sujeito advém de modo secundário e, ainda assim, [apenas] em pesquisas de inspiração interacionista ou sociointeracionista, vertentes que são mais sensíveis à questão do sujeito. (LEMOS, M.T., 2006: 57)

Seguindo essa leitura, pode-se dizer que a área de Aquisição da Linguagem privilegia a trajetória certa e inequívoca de crianças na linguagem, circunscrevendo, assim, o escopo de questões relevantes para investigação. Importa assinalar que desse escopo *não estão* excluídas considerações sobre caminhos particulares da criança na aquisição da linguagem - as chamadas “diferenças individuais”, cuja maleabilidade é, contudo, restringida pela idealização que funda o campo. Em outras palavras, a maleabilidade implicada nessas “diferenças individuais” diz respeito a caminhos particulares, que se realizam em tempos eventualmente diferentes, mas que são, sempre, caminhos bem sucedidos, que acabam por realizar o ideal da área.

Desse modo, os percursos que envolvem fracassos são ignorados ou afastados porque não chegam a interrogar o investigador identificado com o ideal do campo da Aquisição da Linguagem. As falas sintomáticas não são, por isso, instituídas como solo empírico para elaborações teóricas¹. Entende-se, assim, porque, de um lado, fica o campo da Aquisição e, de outro lado, o das Patologias da Linguagem – é justamente esta divisão que gostaríamos de suspender neste trabalho. Cabe esclarecer que, ao tomarmos essa direção, não deixamos de reconhecer a legitimidade do empreendimento e das conquistas da área de Aquisição. O argumento que pretendemos desenvolver é o de que **quando se constrói outra empiria**, outro rol de questões relevantes é delineado e, com ele, outro espaço de operação teórico-metodológica pode ser instituído.

Lembremos Milner, J-C (1989). Ele afirma que cada programa científico circunscreve questões que ele toma como pertinentes ou relevantes e que, no mesmo gesto de constituição, outros problemas são entendidos como irrelevantes. Vejamos esta citação do autor:

A relação de restrição entre conceitos e problemas acessíveis pode ser descrita em termos de programa. Ela delimita de antemão o conjunto de proposições problemáticas que lhe serão acessíveis ou inacessíveis. A ciência prediz que os problemas que são inacessíveis são desprovidos de significação, de interesse [para aquele programa científico] (MILNER, J-C, 1989: 29) (ênfase nossa)

¹ Este argumento perpassa os trabalhos do Grupo de Pesquisa *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*.

Em suma, no campo da Aquisição da Linguagem, descaminhos sintomáticos (patológicos) não estão incluídos nas proposições problemáticas – eles ficam reduzidos a um lugar secundário, entendidos como *desviantes*: não dão direção à teorização da área.

É no interior do campo da Aquisição, assim configurado, no entanto, que surge a teorização que nos interessa particularmente discutir aqui: trata-se do Interacionismo, conforme proposto por Cláudia Lemos. Desde o início dos anos 80, a partir do encontro desta linguista com falas de crianças, ela e outros pesquisadores envolvidos com a proposta *constroem outra empiria*: erros, repetições da fala do outro e a marcante heterogeneidade da fala de crianças ganham estatuto de material empírico privilegiado. Uma posição diferente para o investigador é criada a partir daí e uma teorização consistente passa a ser desenvolvida com base neste outro recorte empírico².

Os esforços teóricos, empreendidos na direção de dar aos erros, repetições e produções paradoxais a dignidade de proposições problemáticas, acaba alojando a teoria Interacionista numa zona fronteira: ela fica entre estar “dentro” e “fora” da área de Aquisição da Linguagem. Pode-se dizer que é a sustentação da tensão inerente a essa posição fronteira o que permite dar extensão à reflexão desenvolvida sobre falas de crianças em processo de aquisição da linguagem a falas sintomáticas de crianças. Esse passo foi dado, primeiramente, por Lier-DeVitto, na PUCSP, ao instituir o Projeto *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*³. Pretendemos encaminhar, do interior da discussão desenvolvida neste projeto e da forte relação que ele entretém com a proposta interacionista, uma abordagem da fala de crianças que possa abalar o dualismo entre Aquisição e Patologias da Linguagem.

Nosso objetivo é, portanto, *interrogar essa separação* – uma discussão que não passa, neste trabalho, pela discussão de aproximações, diferenças ou divergências entre as diversas propostas dos campos em questão⁴. Para que este passo seja dado é preciso, inicialmente, elucidar algumas proposições da proposta interacionista e situar argumentos que puderam impulsionar o encaminhamento de nossa questão. Elegemos dar destaque aos argumentos empíricos e teóricos que sustentam a proposta de De Lemos (2002)⁵. No que diz respeito aos primeiros, aos argumentos empíricos, eles nos remetem aos efeitos produzidos na relação do investigador com a fala da criança⁶. A autora destaca três fenômenos de *corpora* de falas de crianças:

- (1) a incorporação de fragmentos da fala do outro,
- (2) a natureza dos “erros” e
- (3) a surpreendente heterogeneidade das produções da criança.

O primeiro acontecimento – incorporação de fragmentos - exigiu o reconhecimento da *função do outro* e daquilo que a repetição, pela criança, de fragmentos do enunciado do adulto indiciava, nomeadamente, à sua condição de *alienação à fala* como momento inaugural da

² Em artigo de 1982, a autora sustenta a necessidade de construir “uma metalinguagem alternativa”, com condição para abordar a fala de crianças por um ângulo que confere valor ao erro, aos fragmentos, aos enunciados insólitos.

³ A pesquisadora articula, neste empreendimento que teve apoio do CNPq (n 522002/97-8), duas unidades da PUCSP: a Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (Derdic) e o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL).

⁴ Esta exploração tem sido feita, de forma extensa e criteriosa, em dissertações de mestrado e doutorado defendidas no interior do Grupo de Pesquisa, acima mencionado.

⁵ Neste artigo, privilegiaremos os textos de De Lemos. Essa opção deve-se ao fato de que exploramos, aqui, aspectos ligados aos fundamentos desta proposta teórica. Reconhecemos, porém, a importante participação dos pesquisadores da UNICAMP, da UFPE e da PUCSP, na construção do arcabouço teórico do Interacionismo.

⁶ Glória Carvalho tem refletido sobre a relação do investigador com materiais de crianças. Remetemos, portanto, o leitor aos trabalhos da autora (CARVALHO 1995 e 2006)..

entrada na linguagem. A condição de alienação é erigida como contra-argumento à idéia de que a trajetória da criança na linguagem seja pautada por apreensões cognitivas da linguagem.

Os *erros*, por sua vez, são manifestações que afastam, igualmente, interpretações cognitivistas⁷. Eles são, além disso, índices legítimos de distanciamento e resistência à fala do outro. Erros são interpretados como *efeitos de cruzamentos entre cadeias*, cruzamentos, esses, que são impulsionados por operações da língua na fala da criança.

A *heterogeneidade*, que remete a produções paradoxais (flutuação entre erros e acertos), é elevada, por de Lemos (1982), ao estatuto de contra-argumento à idéia de desenvolvimento, ou seja, à idéia de que a aquisição possa ser vista como um processo de apreensões parciais e ordenadas do objeto-linguagem (De Lemos, 1995, 2006).

Passa-se do reconhecimento dessas ocorrências na fala de crianças à sua enunciação como argumentos empíricos em favor desta proposta teórica. Todos e cada um desses *argumentos empíricos* - (1) incorporação → alienação à fala do outro; (2) erros → resistência à fala do outro e (3) heterogeneidade - conduziram à sustentação dos *enunciados críticos* essenciais do Interacionismo, quais sejam:

(1) a fala de crianças não é instanciação de conhecimento sobre a língua - erros, heterogeneidade, repetição, por certo, não são manifestações de conhecimento sobre a linguagem – ao contrário, eles são expressões de falta de conhecimento.

(2) a aquisição não é um processo de desenvolvimento – há intermitência entre erros e acertos, ao longo de todo o processo de aquisição, que impede a determinação da natureza do conhecimento linguístico da criança.

(3) a língua não é objeto de conhecimento – ela não é acessível ao aparato perceptual-cognitivo (ver DE LEMOS, 2002).

Chamamos a atenção para o fato de que tais argumentos, primeiramente enunciados sob a forma de negação, levantam questões sobre a criança e sobre a relação da área da Aquisição com o saber da Linguística; mais particularmente sobre a projeção desse saber sobre a fala da criança. Nesse sentido, a direção teórica indicada obriga à redefinição do que se denomina “fala de crianças” e, conseqüentemente, dos dois termos que compõem essa expressão: *fala* e *criança*. O Interacionismo, ao problematizar esses termos, *coloca-se em desconforto no campo da Aquisição da Linguagem* e parte em busca de uma “metalinguagem alternativa” (De Lemos, 1982) para abordar a fala da criança. O desconforto que acabamos de mencionar não se traduziu, entretanto, num afastamento da Linguística – muito pelo contrário, teve como resultado um estreitamento de laços com esse campo, ou melhor: houve aproximação com uma Linguística capaz de abrir a possibilidade de uma *abordagem explicativa* e teoricamente consistente da empiria construída⁸.

De fato, o encontro com o erro, a heterogeneidade e a repetição da fala do outro imprimiram uma direção teórica marcada pelo *retorno a Saussure* e pelo *movimento na direção da Psicanálise*. O que se valoriza em Saussure (1916) é uma alternativa para a prática de descrição da fala da criança pela via da gramática (De LEMOS, *et alli*, 2001-4). Investe-se, desse modo, na possibilidade de implicar o funcionamento de *la langue*, da Língua, na fala, ou seja, de implicar na fala de crianças, as “leis de composição interna da linguagem” (MILNER, 1987), postuladas pelo estruturalismo europeu.

A aproximação a Saussure não foi, de modo algum, aleatória. Afinal, Saussure, em seu

⁷ Para uma discussão aprofundada sobre a relação do campo da Aquisição com a Psicologia, ver Pereira de Castro (1992) e Lier-DeVitto (1998). Quanto à adesão da Fonoaudiologia ao cognitivismo, ver Andrade (2003).

⁸ Empiria que, como vimos, tem o “erro como dado de eleição” (Figueira, R., 2001)

gesto fundador da ciência Linguística, afasta-se das descrições para buscar explicações e indagar sobre a natureza mesma da linguagem (SILVEIRA, 2007). Essa aproximação à Saussure dá à proposta interacionista uma posição no âmbito da Linguística, uma vez que *processos linguísticos – operações metafóricas e metonímicas – são mobilizados e implementados na abordagem da fala da criança*. Por outro lado, a questão do sujeito persistia como problema para o Interacionismo. Isso porque, se há em Saussure o afastamento do sujeito psicológico - sujeito esse não compatível com a proposta - não há, em sua obra, uma teorização alternativa sobre uma noção de sujeito que pudesse ser compatível com a noção de Língua por ele postulada. Essa compatibilidade será atingida, pelo Interacionismo, em sua aproximação à Psicanálise. Não se deve esquecer, a esse propósito, a pergunta sobre “quem é a criança” na empiria privilegiada por esta abordagem. Como vimos, *não é* a criança ideal que funda a Aquisição da Linguagem e dá sustentação à distinção/separação entre Aquisição e Patologia.

Cláudia Lemos diz ter encontrado, na Psicanálise, “o lugar onde colocar esse impossível, onde dar um estatuto a esse impossível”, a **essa** criança e sua fala (de LEMOS, 2002). Os argumentos teóricos sobre linguagem e sujeito decorrem (e são restringidos), como se vê, do compromisso do *não recobrimento dos fenômenos empíricos* que foram inicialmente interrogantes. Procurou-se caminhar, assim, na direção do estabelecimento de consistência teórica com o que se construiu como empiria representativa de falas de crianças. Os argumentos, antes enunciados sob a forma de negações, ganham, a partir do encontro com a Linguística e com a Psicanálise, uma formulação positiva:

(1) *a fala de crianças é efeito de relações entre criança e linguagem – criança-fala do outro; criança-Língua; criança e a própria fala.*

(2) *a aquisição é um processo de mudanças estruturais - mudanças de posição da criança frente à fala do outro, à Língua e à própria fala.*

(3) *a Língua tem um funcionamento estrutural, que tem anterioridade lógica em relação ao sujeito – a criança é, portanto, por ela capturada.*

Esses argumentos teóricos contemplam *falas de crianças*, sejam elas reconhecidas como patológicas ou não. A expressão “fala de crianças” ganha, portanto, extensão e passa a acolher as imbricações plurais e complexas de caminhos/descaminhos, que caracterizam a trajetória de subjetivação da criança na e pela linguagem. Não pretendemos, com essa afirmação, dissolver diferenças. Nossa discussão não tende à diluição de peculiaridades que distinguem falas sintomáticas e falas da aquisição (elas, efetivamente, são irredutíveis uma à outra em seus efeitos), mas, sim, à diluição dos limites entre campos.

Falas de crianças partilham as mesmas características fundamentais: são faltosas, imprevisíveis e altamente heterogêneas. Há, no entanto, um ponto em que falas de crianças em aquisição e falas sintomáticas podem ser distinguidas: falas sintomáticas colocam em evidência a prisão do sujeito numa falta ou falha, uma cristalização que o impede de “passar a outra coisa” (ALLOUCH, 1990). Nisso, *sintoma* difere de *erro*: ele é manifestação de um impacto no processo de captura pela linguagem, impacto que deixa sua marca impressa na relação criança-língua. No espaço teórico aqui proposto, a expressão “fala de crianças” inclui falas sintomáticas. Enquanto manifestação, as diferenças inscritas em falas sintomáticas de crianças são inequívocas, mas elas devem poder ser abarcadas por um mesmo quadro teórico.

A elaboração teórica mais recente no Interacionismo é aquela que propõe três momentos no processo de aquisição da linguagem, que são enunciados em termos de *posições*:

[...] *na primeira posição*, pela dominância da fala do outro [incorporação de fragmentos], *na segunda posição*, pela dominância do funcionamento da língua [presença de erros] e, *na terceira posição*, pela dominância da relação do sujeito com sua própria fala [reformulações-autocorreções]. É na terceira posição que a criança, enquanto sujeito falante, se divide entre aquele que fala e aquele que escuta sua própria fala – ela é dividida entre a “instância subjetiva que fala” e a “instância subjetiva que escuta” (DE LEMOS, 2002, p.46)

De forma esquemática, temos:

(1) Primeira posição - a criança fala a fala do outro, como em:

Segmento 1 (Mãe=M // Criança= C.)

M: **Quer** descer?

C: **qué.**

M: Você quer **descer**?

C.: **descê**

(DE LEMOS, 1982)

(2) Segunda posição - o movimento da Língua na fala não é restringido pela escuta da criança. Temos, então, erros e composições insólitas. Note-se, nos segmentos abaixo, a sustentação que a fala da criança tem em estruturas paralelísticas:

Segmento 2

(desenhando um avião)

ó o avião que a **Cuca** vai comprá chapéu pra **mim**

ó o avião que o **Michel** vai comprá chapéu pra **Cuca**

ó o avião que a **Cuca** vai comprá chapéu pro **Michel**

vai comprá **casinha prá nós morá** (Michel 2; 7.15)

Segmento 3

Num fala nu meu nome

Num fala nu teu nome

Num fala midanoni

Num fala mianoni

Num fa´a midadoni

Num fala nu nomi

(LIER-DEVITTO, 1998)

(3) Terceira posição - a *escuta da criança* é afetada pela *própria fala* – há reformulações e autocorreções... “*ainda que [ela] não chegue à forma correta*” (De Lemos, 2002, p. 62).

Segmento 4

C: João Pilanta segou até lá
da escola...então...

M: Hum

C. foi **estevendo, escrevendo**
estevendo, estevendo
estevendo, escrevendo
(DE LEMOS, 2006)

Considerando essas posições estruturais, cabe a ressalva de que não há, entre elas, ordenação temporal, mesmo porque, como diz Saussure, “*em matéria de linguagem [...] é uma idéia bastante falsa crer que [...] o problema da origem difira do das condições permanentes*” (SAUSSURE, 1916:16):

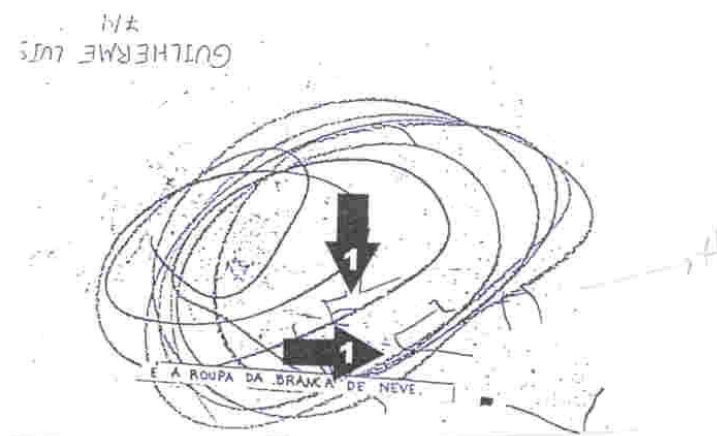
A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante ela é uma instituição atual e um produto do passado. Parece fácil, à primeira vista, distinguir entre esse sistema e sua história, entre aquilo que ele é e aquilo que ele foi; na realidade, a relação que une ambas as coisas é tão íntima que se faz difícil separá-las. Seria a questão mais simples se se considerasse o fenômeno linguístico em suas origens: se, por exemplo, começássemos por estudar a linguagem das crianças? Não, pois é uma ideia bastante falsa crer que, em matéria de linguagem, o problema da origem difira do das condições permanentes [...]. (SAUSSURE, 1916, 15-6) (ênfases nossas)

De maneira bastante resumida, poderíamos dizer ser impossível, nos termos de Saussure, eliminar da condição nascente (a entrada da criança na linguagem), a condição permanente (uma língua em funcionamento).

A entrada em questão das patologias de linguagem no espaço anteriormente voltado para a aquisição promove perturbações que podemos considerar produtivas para a reflexão sobre falas de crianças. Vale a pena lembrar um assinalamento de Cláudia Lemos (2002): a autora pergunta-se sobre o destino que dará à reflexão sobre as três posições. Isso porque, tendo sido pensadas como alternativa teórica para elucidar o processo de aquisição, elas foram questionadas por ocorrências sintomáticas porque elas não são, aí, constitutivas: há, como diz, Cláudia Lemos “crianças que sucumbem nessa trajetória”, há processos frustrados. A fixação na primeira posição pode, por exemplo, explicar quadros clínicos em que a fala permanece presa à fala do outro, como em manifestações ecolálicas (ARANTES, 2001). Há aquelas crianças que permanecem fixadas num embate paralisador em torno da marcação de gênero e que, diferentemente daquelas que podem, como mostrou Figueira (2001), produzir humor, sofrem (ANDRADE, 2006).

Não é diferente o que se observa na escrita: as mesmas operações comandam trajetórias de alfabetização bastante heterogêneas. Ou seja, nem operações linguísticas *stricto sensu*, nem a designação de posições estruturais como as propostas por De Lemos são suficientes para captar a singularidade das incidências subjetivas implicadas na relação criança-linguagem (criança-fala ou criança-escrita), como já discutido anteriormente por Ler-

DeVitto e Andrade (2008). Esse ponto merece aprofundamento argumentativo em trabalho voltado especificamente para o tema. Cabe, no entanto, no escopo deste trabalho, ilustrar, com material escrito, o que dissemos acima. Os episódios envolvem duas crianças com trajetórias diferentes no processo de alfabetização. Nosso objetivo é chamar a atenção para o fato de que operações implicadas numa mesma posição estrutural estão envolvidas em ambos os casos. Destacamos dados referentes à implicação das letras do nome próprio como “matriz significante” essencial nas produções iniciais da criança. Para tanto, acompanhamos Santos (2008) que, em sua dissertação, apresenta a reflexão de Bosco (2009) e Borges (2006) e destaca este acontecimento ao apresentar o percurso de uma criança (G L) na escrita. Em foco está a assinatura que pode ser apreendida em meio ao emaranhado de rabiscos feitos pela criança. Bosco chama a atenção para a presença de “E” e “L” no texto abaixo:



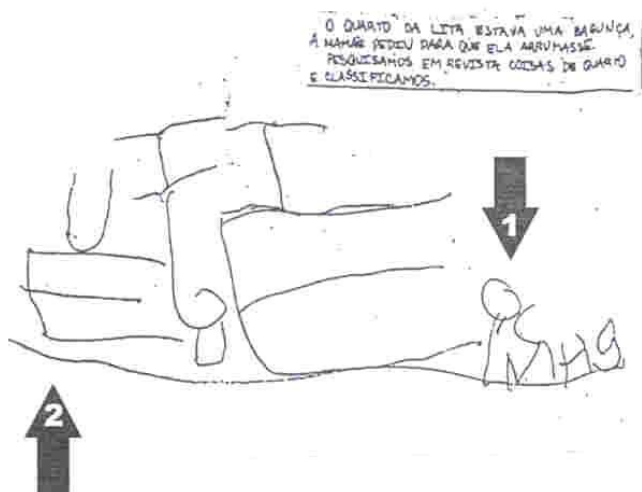
(BOSCO, 2009)

De início, a assinatura toma todo o espaço da folha. Bosco assinala aí a instabilidade das marcas e a mescla entre desenho e letra nas escritas iniciais. Já, no texto abaixo, temos exclusivamente letras (desenhos desaparecem) e os segmentos ficam melhor definidos:



(BOSCO, 2009)

No próximo segmento, as letras fazem o desenho:

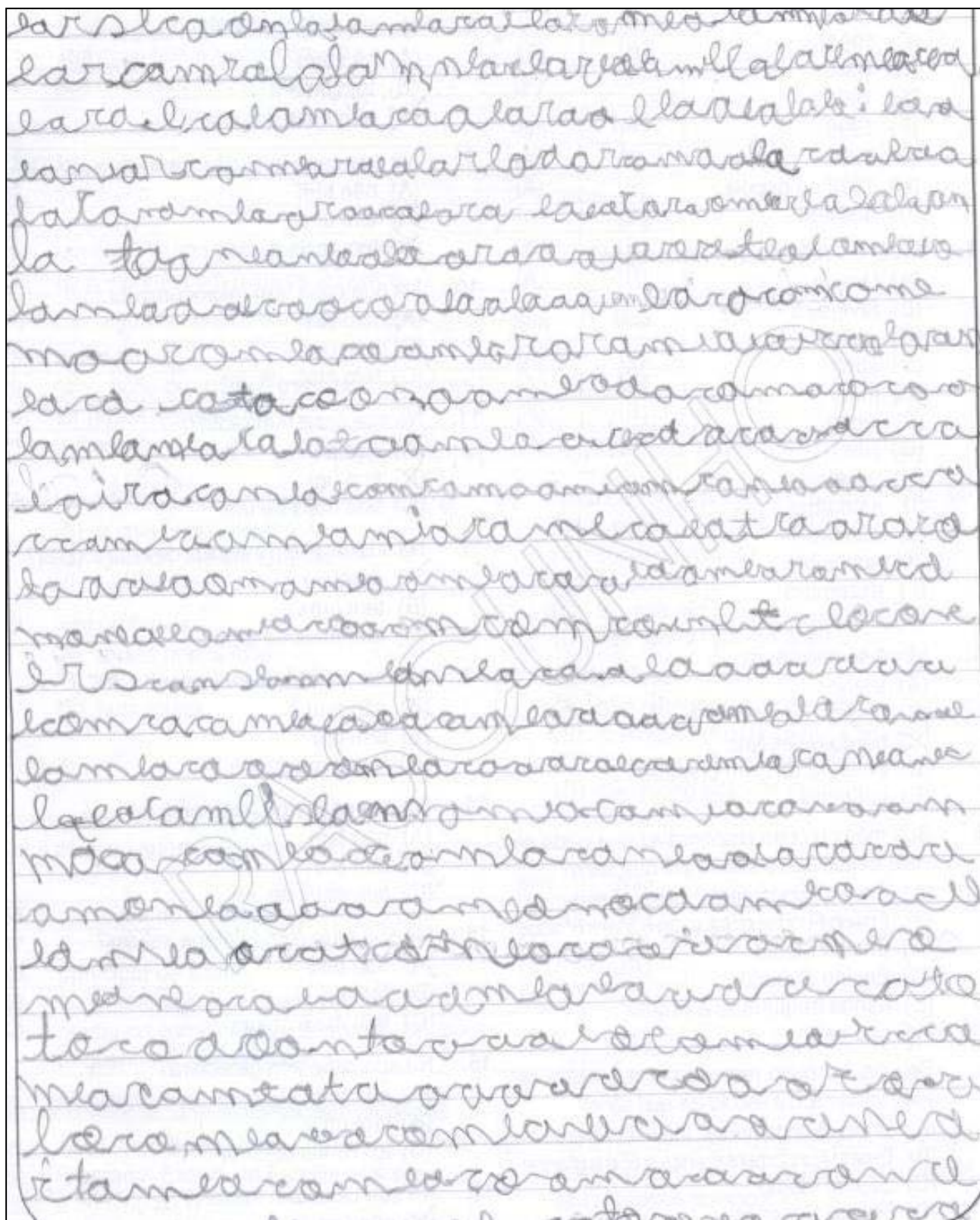


(BOSCO, 2009)

Frente à indeterminação do traçado, a professora escreve o nome da criança para futura identificação dessa escrita. Portanto, é a escrita do outro que funciona como uma espécie de *abertura* para a escrita da criança:

podemos (...) afirmar que são os escritos do outro, de início, [que] funcionam como um espelho, no qual as manifestações gráficas infantis vão se refletir e refratar, remetendo a uma leitura que se apresenta como efeito de relação entre significantes”. (BOSCO, 2010).

Assim, vemos operar, também na escrita, a instância da alienação ao outro, típica da primeira posição, como “porta de entrada”. Na trajetória de Guilherme, a escrita se transforma no espelho: letras do nome começam a ser grafadas e a se articular em outros espaços. Não é o que acontece com Marcos Paulo. As letras do seu nome, embora intensamente repetidas, não adquirem propriamente estatuto de significantes - comparecem congeladas, sem segmentação, cobrindo todo o espaço do papel. Este menino escreve, mas aquilo que produz não adquire sequer “semblante de texto”. Vejamos as produções deste menino – rascunho e versão final de redação solicitada em situação de prova escolar:



The image shows a page of handwritten text in cursive script on lined paper. The text is arranged in approximately 20 horizontal lines. The handwriting is somewhat irregular and appears to be a student exercise or a sample of cursive writing. The text is mostly illegible due to the cursive style and the lack of clear spacing between words. There are some faint, circular markings or stamps overlaid on the text, particularly in the middle and right sections of the page. The overall appearance is that of a handwritten document, possibly a student's work or a sample of cursive writing.

(SANTOS, 2010)



(SANTOS, 2010)

Note-se que, no *rascunho*, “ear” dá início à escrita. Na redação final, como mostra Santos (2008), esse bloco é grafado sobre uma rasura, o que lhe confere “ares de significante”, uma vez que há rasura. O estatuto desse acontecimento, entretanto, é interrogado. A rasura é geralmente interpretada como índice da terceira posição (De Lemos, 2002) - aquele que escreve seria afetado por aquilo que escreve, já que a rasura implica reformulação e, necessariamente, *divisão entre aquele que escreve e aquele que lê*. Esse movimento, no entanto, não parece estar em causa no texto de Marcos Paulo. Seu traçado ocupa todo o espaço da folha de papel – cessa no limite desse espaço. Parece possível afirmar que, embora letras possam ser reconhecidas aí – e letras do próprio nome apareçam com frequência – ao contrário do que ocorre nas produções iniciais de outro menino, essas letras não funcionam como matriz significante que se abre à possibilidade de outras combinações. Nesse sentido, elas compõem mais como desenho e não como significantes.

Enfim, são vários e imprevisíveis os caminhos da criança na linguagem e muito há que ser investigado e teorizado sobre falas de crianças: um passo na direção aqui proposta pode ser dado a partir de um aprofundamento de questões relacionadas às posições. Interessa refletir sobre como *as mesmas operações implicadas na relação criança-linguagem podem explicar tanto como certas crianças chegam a “falar como se fala”, quanto eventuais fracassos*. O ponto central deste artigo foi sugerir a viabilidade da construção de uma teoria fortemente interrogada pelos embaraços da patologia. Afinal, as patologias permitem refletir sobre conflitos envolvidos no processo de aquisição (muitas vezes superados) – elas podem dar suporte empírico e teórico para a recusa da idealização de que, na trajetória da criança na linguagem, só haja uma direção – a do sucesso.

Referências

ALLOUCH, J. **Letra a letra**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1995.

ANDRADE, L. **Ouvir e escutar na constituição da clínica de linguagem**. 2003. Tese de doutorado. LAEL/PUCSP. Inédita.

_____. ‘Captação’ ou ‘captura’ – considerações sobre a relação do sujeito à fala. In: LIER-DEVITTO, M.F.; ARANTES, L. (Orgs) **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2006

ARANTES, L. As múltiplas faces da especularidade. In: **Letras de hoje**, vol. 36, n.3, 2001, p. 253-260.

BORGES, S. **O quebra-cabeça: a alfabetização depois de Lacan**. Goiânia: UCG, 2006.

BOSCO, Z. R. **A errância da letra: o nome próprio na escrita da criança**. Campinas: Pontes/FAPESP, 2009.

CARVALHO, G.M.M. **Erro de pessoa: levantamento de questões sobre o equívoco em aquisição da linguagem**. 1995. Tese de doutorado. IEL/UNICAMP. Inédita.

_____. O erro em aquisição da linguagem: um impasse. In: LIER-DEVITTO, M.F.; ARANTES, L. (Orgs) **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2006.

DE LEMOS, C. Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. In: **Boletim da ABRALIN**, n.3, 1982, p. 97-136.

_____. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. In: **Substratum**, vol. 1, n.1, Barcelona: Melder, 1992, p. 121-135.

_____. Corpo e linguagem. In: FILHO, J. (Org.) **Corpo-mente – Uma fronteira móvel**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, p. 235-247.

_____. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 42, 2002, p. 41-69.

_____. Uma crítica radical à noção de desenvolvimento na Aquisição de Linguagem. In: LIER-DEVITTO, M.F.; ARANTES, L. (Orgs) **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2006.

DE LEMOS, C.T., LIER-DEVITTO, M.F., ANDRADE, L. & SILVEIRA, E. M. Le saussurisme em Amèrique Latine aux XXe siècle. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 56, 2004, p.165-176.

FIGUEIRA, R. A. Dados anedóticos: quando a fala da criança provoca o riso... Humor e aquisição da linguagem. In: **Línguas e instrumentos lingüísticos**, n. 6, 2001, p. 27-61.

LEMOS, M. T. O sujeito imprevisto. In: LIER-DEVITTO, M.F.; ARANTES, L. (Orgs) **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2006, p. 57-62.

LIER-DEVITTO, M. F. **Os monólogos da criança: delírios da língua**. São Paulo: EDUC, 1998.

LIER-DEVITTO, M. F. & ARANTES, L. Sobre os efeitos da fala da criança: da heterogeneidade desses efeitos. In: **Letras de Hoje**, vol. 33, n. 2, 1998, p. 65-72.

LIER-DEVITTO, M. F. & ANDRADE, L. Considerações sobre a escrita sintomática de crianças. In: **Estilos da Clínica**, n. 24, vol. 1, 2008, p. 54-71.

MILNER, J.-C. **O amor da língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987 [1978]

_____. **Introduction à une Science du langage**. Paris: Éditions du Seuil, 1989.

PEREIRA DE CASTRO, M. F. **Aprendendo a argumentar: um momento na construção da linguagem**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

SANTOS, R. V. **Impasses na relação do aluno com a escrita no Ensino Fundamental**. 2008. Dissertação de Mestrado, LAEL/PUCSP. Inédita.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix. 1916[1969].

SILVEIRA, E. M. As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística.
Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2007.